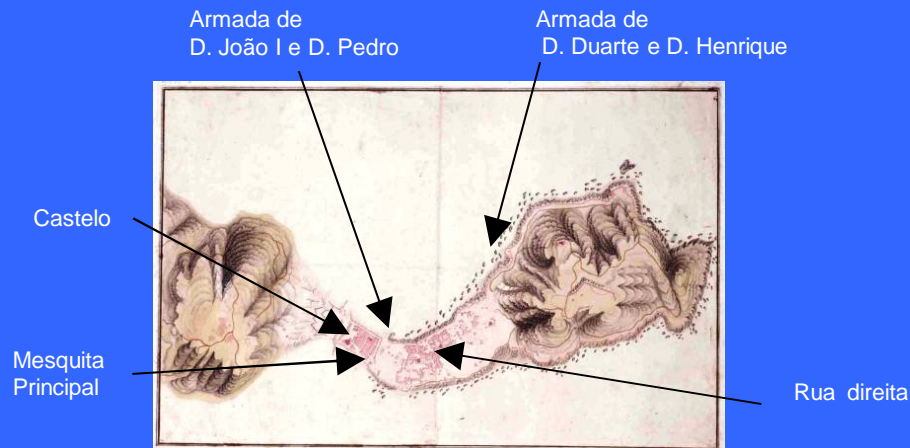


DESEMBARQUE DE D. JOÃO I EM CEUTA (gravura séc. XVII)



PROGRAMA “ARTES BÉLICAS” 2016

A cada segundo domingo do mês, acompanhe quatro séculos de evolução das artes de combate corpo a corpo, do tiro à distância e da tomada de fortificações através de um conjunto de três eventos dedicados a momentos marcantes da história de Portugal:

- Século XI – Lisboa fora do Condado (abril, julho e outubro)
- Século XIII – O Reino de Portugal e do Algarve (maio, agosto e novembro)
- Século XV – O Império começa em Ceuta (março, junho, setembro e dezembro)

NESTA EDIÇÃO

A introdução de armas de fogo no campo de batalha é uma evolução significativa que, por sua vez, leva a que os exércitos medievais tenham de se ajustar e adaptar para fazer face a um novo elemento. Um dos primeiros usos de artilharia pirobalística pelos Portugueses ocorre na defesa da praça forte de Ceuta em 1418. Graças ao seu uso, os cercos pelo rei de Fez são rapidamente quebrados, evidenciando a grande superioridade desta nova arma.

SOBRE O OFÍCIO BÉLICO

O Ofício Bélico é uma secção da Associação Portuguesa de Recriação Histórica (APRH), constituída por entusiastas da recriação histórica com particular interesse na engenharia de cerco.

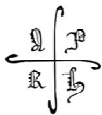
Visite-nos em www.oficio-belico.com e no Facebook.

Imagem de capa: pormenor das tapeçarias de Pastrana (“Cercos de Arzila”), representando as peças de cerco bem como D. Afonso V e o seu séquito.

Ofício Bélico



www.oficio-belico.com



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE
RECREAÇÃO HISTÓRICA



Castelo de S. Jorge, 1100-129 Lisboa, Portugal
T +351 21 880 06 20 | F +351 21 887 56 95
E-mail: info@castelodesaojorge.pt
www.castelodesaojorge.pt



DOMINGOS EM FAMÍLIA ARTES BÉLICAS



O IMPÉRIO COMEÇA EM CEUTA

Expansão no norte de África em 1418

Ceuta 1415-1418.

Após a conquista de Ceuta por D. João I em 1415, a praça forte é entregue a D. Pedro de Meneses que enfrenta uma tarefa algo inglória ao ter de defender um pequeno enclave rodeado de forças hostis. Consegue-o mandando construir fora das “hortas” (que cercavam a cidade e produziam os mantimentos necessários) um conjunto de atalaias a partir das quais eram alertados para as movimentações dos Árabes.

Em conjunto com as atalaias, a guarnição de Ceuta começa as chamadas “almogaverias” ou correrias. “É a guerra de surpresas e de ciladas, aproveitando os acidentes do terreno ou a escuridão da noite.” Estes “almogavares” são uma força de combate móvel, rápida e disciplinada que, para além de responderem aos pedidos de socorro das atalaias, fazem sortidas e razias de forma a colmatar os poucos víveres com gado e colheitas roubados nos territórios adjacentes.

O conhecimento que ganham do terreno torna-os muito valiosos como unidades de reconhecimento e vanguarda do exército regular.

Apesar destas “almogaverias” e da proteção dada pelas atalaias às hortas, Ceuta continua a necessitar de constantes reabastecimentos por mar, reabastecimentos esses que nem sempre chegam. A cidade de Ceuta torna-se igualmente destino de condenados ao degredo, de forma a tentar povoá-la após a fuga da população árabe.

Ceuta – Cercos de 1418 e 1419

Em 1418, o sultão de Fez decide finalmente tentar recuperar Ceuta e cerca a praça-forte. No entanto, o contingente Português dispõe quer de várias peças de artilharia quer de bem treinados Besteiros e Espingardeiros do Conto, pelo que o cerco é debelado em apenas cinco dias, com grande destruição no campo do sultão.

Em 1419, o sultão intenta novo cerco, desta vez com o apoio de tropas vindas do Reino de Granada, mas graças às ações no terreno das tropas de D. Pedro de Menezes, este consegue avisar D. João I que envia uma força para combater ao lado da estacionada na praça forte. Novamente, os sitiados são forçados a retirar com pesadas baixas ao fim de apenas duas semanas de cerco.

Em ambos os casos, a artilharia posicionada pelos Portugueses na defesa de Ceuta revela-se fundamental na defesa das suas muralhas visto o Sultão não ter conseguido, ou podido dispor, de artilharia pirobalística do seu lado.

Arcabuzeiro

Com a vulgarização da pólvora no séc. XIV, começa a aparecer no campo de batalha um novo tipo de guerreiro: o Arcabuzeiro. Apesar das contrariedades que o uso desta nova arma impõe: humidade ou chuva (ensopando a pólvora e impedindo o disparo), canos defeituosos (cuja falha pode levar à própria morte do arcabuzeiro), pólvora que não queima (por deficiente composição, sendo inicialmente misturada no campo pelo próprio arcabuzeiro), etc., a grande eficácia do arcabuz contra cavaleiros pesadamente armados garante a sua gradual adoção, deixando para trás os vários corpos e unidades de besteiros e arqueiros.



Falcão de Campo

As primeiras peças pirobalísticas que aparecem são dedicadas ao cerco. Têm mobilidade reduzida e servem essencialmente para derrubar muralhas e estruturas defensivas. No entanto, graças à sua eficácia (e à pouca eficácia dos arcabuzeiros) os comandantes de campo começam a exigir peças com alguma mobilidade por forma a combater unidades pesadas e pouco móveis, muito vulneráveis ao fogo destas peças. Surgem assim os falcões e falconetes de campo montados em reparos com rodas, peças de calibre e peso reduzidos, com facilidade de movimentação e grande cadência de tiro.

